

NOVO REGISTRO DE *PANTHERA ONCA* (FELIDAE, CARNIVORA) DO PLEISTOCENO TARDIO PARA O NORTE DO BRASIL: UMA DISTORÇÃO DA REGRA DE BERGMANN

Carvalho, R.G.^{1,2}; Rodrigues, S.,^{1,2}; Avilla, L.¹

¹Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; ²Museu Nacional do Rio de Janeiro/UFRJ

RESUMO: Sendo uma das espécies que melhor demonstra variações corpóreas ao longo de sua distribuição geográfica e temporal, *Panthera onca* é eleita atualmente o maior felídeo das Américas. Contudo, registros fósseis demonstram que a espécie possuía um tamanho corpóreo ainda maior durante o Pleistoceno. Aparentemente, o tamanho de *P. onca* atuais varia geograficamente conforme a Regra de Bergmann, onde indivíduos que habitam regiões equatoriais são menores que aqueles que habitam maiores latitudes. O presente trabalho tem como objetivo apresentar um novo registro fóssil para *P. onca*, datado por *electron spinning resonance* (ESR) para o Pleistoceno tardio (23.000 ± 2.000 anos antes do presente) e oriundo de depósito sedimentar cárstico da Gruta do Urso (-12,583; -46,516), localizada no município de Aurora do Tocantins, Tocantins, região norte do Brasil. O espécime encontra-se depositado na coleção do Laboratório de Mastozoologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) sob o tombo UNIRIO-PM 1031. Medições dentárias costumam ser usadas como um *proxy* para estimar o tamanho corporal de mamíferos. Logo, análises morfométricas realizadas no quarto pré-molar superior (P4) esquerdo do presente espécime (comprimento de 31,91 mm) e comparações feitas com valores médios de indivíduos atuais (27,77 ± 3,10 mm) e fósseis (30,01 ± 2,12 mm) demonstraram que o fóssil de Aurora do Tocantins possuía um tamanho maior que os animais atuais e tão grande quanto os maiores indivíduos do registro fóssil de distribuição mais austral da América do Sul. Tal resultado indica que provavelmente a Regra de Bergmann não se aplica à distribuição geográfica da espécie durante o Pleistoceno, onde se reconhece uma redução do tamanho corpóreo médio para *P. onca* na transição Pleistoceno-Holoceno. Tal padrão evolucionário pode ser explicado através da Teoria dos Recursos, que preconiza mudanças no tamanho do corpo dos mamíferos em função da disponibilidade, abundância e tamanho dos recursos existentes no habitat. Portanto, é possível que as onças-pintadas gigantes do Pleistoceno tardio estivessem adaptadas a predação da megafauna, provavelmente devido à escassa competição ecológica, em função da presença de poucas espécies de grandes predadores, como o felídeo com tendência a uma dieta especialista *Smilodon populator* e o felídeo mais generalista *Puma concolor*. A primeira espécie foi extinta ao final do Pleistoceno juntamente com cerca de 79% da megafauna sulamericana; a segunda sobrevive até os dias atuais. Neste período, uma pressão seletiva direcional atuou na redução do tamanho corpóreo médio de *P. onca*. É possível que a variação fenotípica intra-específica que a espécie já apresentava, tenha favorecido os menores indivíduos pleistocênicos, com possível dieta mais genérica e oportunista (como *P. concolor*), tornando-os os fundadores da atual linhagem de onças-pintadas, com tamanhos reduzidos comparados a seus antepassados. Apoio financeiro da CAPES, CNPq e UNIRIO.

PALAVRAS-CHAVE: ONÇA-PINTADA, MEGAFUNA, SELEÇÃO DIRECIONAL.